

Não-me-toque: o corpo em-cena nos casos não neuróticos

Don't touch me: the body on stage in non-neurotic cases

Déborah Jasmine da Silva Dalcol¹

Resumo

O interesse pelo corpo em psicanálise, apesar de acompanhar os primeiros escritos freudianos, parece adquirir estatuto metapsicológico nas últimas décadas. Desde então, a escuta das somatizações exige investigar a constituição biológica e erótica deste corpo, na medida em que se considera a dimensão tópica, econômica e dinâmica do aparelho psíquico. Portanto, para pensar um caso de descompensação somática, constituída aquém dos processos de recalçamento, o presente escrito apoia-se na teoria do corpo desenvolvida por Dejours. Em último, destaca-se a perlaboração pelo sonho, motivada pela cena transferencial, como uma via para inaugurar, sobretudo no caso de pacientes não neuróticos, novos modos de habitar o próprio corpo e narrar a sua história de vida, ampliando os seus registros expressivos.

1 Psicóloga, psicanalista em formação na Constructo Instituição Psicanalítica e membro da comissão editorial da Constructo Revista de Psicanálise.

Palavras-chave: Teoria do corpo; psicossomática; psicanálise; Christophe Dejours.

Abstract

The interest in the body in psychoanalysis, despite accompanying the first Freudian writings, seems to acquire metapsychological status in recent decades. Since then, listening to somatizations requires investigating the biological and erotic constitution of this body, as the topical, economic and dynamic dimension of the psychic apparatus is considered. Therefore, to think about a case of somatic decompensation, constituted beyond the processes of repression, this writing is based on the theory of the body developed by Dejours. Finally, the work through the dream stands out, motivated by the transference scene, as a way to inaugurate, especially in the case of non-neurotic patients, new ways of inhabiting their own body and narrating their life story, expanding their records expressive.

Keywords: Body theory; psychosomatics; psychoanalysis; Christophe Dejours.

Introdução

De fato, a origem da psicanálise está atravessada por manifestações somáticas que denunciavam o sofrimento psíquico que afligia as pacientes histéricas. No entanto, embora a teoria freudiana considere uma relação bastante fecunda entre o somático e o psíquico, há a impressão de que os fenômenos a nível do corpo, quando não se organizam sob o predomínio do recalçamento, se encontram situados

fora do âmbito da intervenção analítica clássica. Do ponto de vista clínico e teórico, pensar um modelo de aparelho psíquico que se interesse pelos acontecimentos corporais na história de cada paciente se tornou um exercício para os autores pós-freudianos.

Logo, a clínica com pacientes acometidos por graves patologias somáticas põe em evidência a primordialidade de uma teoria do corpo para apreender como o histórico vivencial de cada sujeito incide nas formas de habitar o próprio corpo. Dessa forma, apoiado na tese da subversão libidinal, Christophe Dejours propõe a concepção de inconsciente amencial, constituído através dos acidentes de sedução que atravessam a relação entre a criança e o adulto.

Ao considerar a situação antropológica fundamental formulada por Jean Laplanche, Dejours (2019) reitera que a relação de cuidados do adulto com a criança não está à serviço, apenas, da manutenção e da preservação do corpo biológico, já que, dada a sua contaminação pelo sexual, pode desencadear moções violentas e incontrolláveis no adulto. Nesse instante, percebe-se que os ataques de violência e de ódio que partem do adulto são capazes de afetar permanentemente o corpo da criança, dificultando o trabalho de tradução do que foi vivido (*ibid.*).

A partir desses encadeamentos, visitar a complexidade metapsicológica que envolve a psicossomática, a partir de Christophe Dejours, oportunizou pensar os modos nos quais os acidentes na relação entre criança e adulto assolam a constituição do psiquismo, em virtude de excitações que invadem o corpo da criança, sem dar lugar ao pensamento. Assim, a observação clínica norteadora do corrente texto é de que, quando a criança é horrorizada pela brutalidade de quem deveria prover os seus cuidados, a apropriação do que experencia em seu corpo se torna impossível, de modo que uma zona fria se expande no interior do aparelho

psíquico, o que gera efeitos no funcionamento e na integridade do eu.

Com isso, o breve percorrido lançado nesta investigação teórica e clínica a respeito da psicossomática busca mostrar, em especial, que a violência e o ódio do adulto contra o corpo da criança, descritos como acidentes de sedução por Dejours (2019), podem provocar uma ruptura do eu, privando o acesso da criança ao trabalho tradutivo, o que leva à constituição do inconsciente amencial. É, portanto, com o objetivo de compreender as consequências da violência do adulto no corpo da criança que o presente escrito propõe frutíferas costuras entre as vinhetas de um caso clínico de patologia não neurótica e a teoria do corpo desenvolvida por Dejours (1989/1991; 2019).

Quando o corpo en-cena

Soma e *psique* são os termos que forjam o conceito de psicossomática, desenvolvido por Heinroth em 1818. Embora mais de 200 anos tenham se passado desde então, quando se trata de discussões científicas, o fenômeno da psicossomática apresenta variações em sua ênfase, tomado pela vertente do *soma* ou da *psique*. A psicanálise, nesse sentido, ao longo de várias publicações, pareceu mover-se no âmbito do econômico do aparelho psíquico para explicar as manifestações psicossomáticas, de modo que foi desconsiderada a compreensão na dimensão dinâmica do aparelho psíquico.

Christophe Dejours, por sua vez, amplia a práxis psicanalítica no campo da psicossomática ao propor a subversão entre o nível biológico e o nível psíquico. A tese apresentada por Dejours sustenta que esses dois níveis, na ordem topológica, tratam de dois corpos: o corpo biológico e o corpo erótico. Ainda distante de concepções endógenas, Dejours

(1989/1991) aponta que esses dois corpos não são concebidos propriamente no nascimento, de forma que o corpo erótico é constituído a partir do corpo fisiológico, o que remete à subversão libidinal. Neste campo, o encontro com o outro é, em essência, o que fornece condições para a construção do corpo erógeno.

Denominada como “operação diabolizadora” (*ibid.*, p. 117), a noção de subversão libidinal sinaliza certo desprezo ao peso do biológico, uma vez que a função fisiológica do órgão é subvertida pelo domínio do erógeno. Freud, na célebre obra de 1905, *Três ensaios sobre a Teoria da Sexualidade*, descreve que a organização do corpo erótico perpassa uma operação nomeada como apoio da pulsão na função fisiológica, o que é reformulado por Dejours (*ibid.*, p. 95) da seguinte maneira: “a subversão da função pela pulsão passa pelo órgão”.

Ou seja, é possível mencionar que as zonas erógenas se deslocam das funções fisiológicas para que, gradativamente, possam ser subvertidas em favor da construção do corpo erótico. Contudo, convém destacar que a colonização subversiva do corpo biológico pelo corpo erótico é um movimento inacabado e que, sem pestanejar, é resultado de relações de diálogo em torno do corpo e de suas funções, assentado nos cuidados corporais oferecidos pelos adultos.

Logo, a clínica psicossomática proposta por Dejours reside na constatação de que aquilo que resiste à subversão libidinal oferece o risco de perturbações no funcionamento do aparelho psíquico e, com isso, parece capaz de facilitar uma somatização. Isto é, quando zonas do corpo são excluídas da subversão libidinal e do corpo erógeno diante da impossibilidade de um jogo entre o corpo da criança e o corpo do adulto acontecem os acidentes de sedução, o que será mais explorado em seguida.

Uma teoria do corpo, proposta por Dejours

Com base na obra de Jean Laplanche, assume-se a ideia de que é o encontro com o adulto que introduz a sexualidade na criança, o que é elaborado no contexto da teoria da sedução generalizada. Nessa perspectiva, o primado do outro na constituição do aparelho psíquico adquire ênfase no desenvolvimento da metapsicologia do corpo, proposta por Dejours.

Assim, ao decorrer da formação do inconsciente sexual recalcado, dada a situação antropológica fundamental, onde o adulto é pensado como um sedutor e a criança como um hermeneuta, entende-se que a tradução pela criança corresponde a uma tentativa de decodificar as mensagens comprometidas pelo inconsciente sexual do adulto, embora sempre haja um resto não-traduzido. Logo, conforme a teoria de Laplanche, é a partir da implantação da mensagem que o processo tradutivo pode começar.

A implantação da mensagem, complementa Dejours, implica em uma tradução que perpassa o corpo da criança, uma vez que demanda um jogo entre o corpo da criança e o corpo do adulto. Conforme Dejours (2019), quando o adulto ingressa na relação corpo a corpo com a criança, além de não corresponder estritamente ao registro instrumental do cuidado em virtude da impregnação da sua sexualidade, ele excita o corpo da criança com seus gestos e abre espaço para o surgimento da mensagem enigmática. Em suma, como a mensagem está comprometida pelo sexual do adulto, uma tarefa se impõe à criança: a tradução, o que demanda uma apropriação psíquica pelo eu do que é experimentado no corpo pela via afetiva.

A partir do pensamento de Laplanche, para Dejours (*ibid.*), na medida em que todo adulto é um sedutor, percebe-se a criança como um

hermeneuta. A tradução que perpassa o corpo da criança inicialmente corresponde a uma tentativa de transformar a posição absolutamente passiva na qual se encontra, o que ocorre por intermédio de um jogo entre o corpo da criança e o corpo do adulto. No entanto, para Dejours (*ibid.*), a criança pode se tornar a sedutora, de modo que, no registro da atividade, convida o adulto ao jogo sexual a partir de brinquedos e jogos, o que pode constituir uma ameaça para ela, na medida em que uma zona que o adulto não suporta for tocada nesse momento. Por sua vez, os acidentes de sedução sobrevêm quando a excitação que o corpo da criança causa no adulto é incontrolável e desenfreada, de modo que a reação inconsciente suscitada pode levá-lo à passagem ao ato.

Em conformidade com a teoria de Dejours, considera-se que a exigência de trabalho pela criança é a de traduzir o efeito que a mensagem comprometida tem sobre o seu corpo, no sentido de realizar um trabalho de ligação da excitação que advém do engajamento com o corpo do outro. Isto posto, quando uma violência contra o corpo da criança é exercida, em face da reação aversiva experimentada pelo adulto, a capacidade hermenêutica da criança se esvai. Nessa direção, o acidente de sedução impossibilita o pensamento, já que a tradução fica impedida pelo excesso irrepresentável que invade o corpo da criança, o que, de fato, não pode dar espaço à formação do inconsciente sexual recalcado.

No que diz respeito à dimensão tópica do aparelho psíquico, conforme a análise dejouriana, quando a mensagem não é traduzida em virtude da violência do adulto contra o corpo da criança, o transbordamento da excitação impele uma ruptura do eu. Com efeito, tendo em vista que o eu da criança está em vias de formação, o que se inscreve no corpo diante da violência do outro se torna bastante perigoso para a sua integridade, pois forma uma espécie de zona inabitável no próprio corpo.

Para terminar essa discussão, é importante destacar que o maior diferencial da tese de Dejours diz respeito à perlaboração do inconsciente amencial. Em vários textos, o autor afirma que o inconsciente amencial não está para além do alcance do trabalho analítico, uma vez que há clivagem em todo ser humano, isto é, uma barra entre o que, de um lado, está sob regência do inconsciente sexual recalcado e, de outro lado, se organiza no domínio do inconsciente amencial, posto que “a clivagem instaura no aparelho psíquico uma separação radical. [...] por definição, a clivagem consiste exatamente em garantir o jogo simultâneo das duas partes, uma à revelia da outra” (*ibid.*, pp. 90-91). Desse modo, o que altera é a parte onde a barra de clivagem se situa, pois o fato de estar mais para a direita ou para a esquerda sinaliza um predomínio de um dos inconscientes, ocupando maior espaço na tópica.

Nos casos em que o corpo da criança foi exposto a demasiadas situações de violência, maior parece ser a “zona” amencial, o que torna o aparelho psíquico mais empobrecido, podendo acontecer desestabilizações e, na sequência, desencadear episódios de descompensação somática na vida adulta. Entretanto, a partir do trabalho analítico é possível repatriar os jogos do corpo até então proscritos, de forma a reconquistar o que está na zona do inconsciente amencial pelo trabalho de tradução. Esse trabalho, contudo, perpassa a dimensão onírica: um processo denominado, segundo Dejours, como perlaboração pelo sonho.

A perlaboração pelo sonho acontece por intermédio do engajamento do corpo, uma vez que os jogos do corpo proscritos podem ser reintegrados ao aparelho psíquico e, assim, abrir a possibilidade de adquirirem estatuto de recalcado. Por fim, Dejours (2019) pontua que a perlaboração pelo sonho permite que o sujeito passe a habitar o próprio corpo de outra forma, expandindo os registros do agir expressivo do seu corpo.

Não-me-toque: um caso clínico do corpo en-cena

O ensejo para a escrita deste trabalho teve origem em um caso clínico que, sem pestanejar, conduziu à exploração pormenor da teoria do corpo desenvolvida por Christophe Dejours. Em março do presente ano, recebi o encaminhamento de um paciente por uma colega: ela o descreveu como um homem de 36 anos, com demasiadas fragilidades a nível psíquico.

Já na primeira entrevista *on-line*, inquieto na cadeira, entre um emaranhado de informações triviais sobre si mesmo, João contou que está cursando um pós-doutorado na área de linguística computacional em outro país há cerca de 10 meses, de modo que a sua queixa inicial estava centrada na dificuldade de organizar e cumprir com as suas atividades acadêmicas, dificuldade relacionada, segundo ele, aos períodos em que se sente mais depressivo. Quando o questiono sobre como eram esses períodos, ele responde: “[...] eu penso sobre o peso de viver... como uma dor. E sei que fiz uma expressão meio assim...”, disse ele repetindo a expressão facial, “foi um movimento instintivo”, ele continua, espremendo a boca e os olhos.

Antes de dar prosseguimento, parece importante destacar que a psicanálise *on-line* na prática clínica é uma questão abordada por Dejours (2022) no que se refere, sobretudo, ao engajamento dos corpos. Em suma, a problemática aborda o trabalho de corpopropriação que perpassa a situação analítica e concebe a centralidade do agir expressivo do paciente diante da transferência. Para o autor, a análise à distância não é capaz de dar vazão ao repertório de nuances afetivas e expressivas que podem advir do corpo do paciente, empobrecendo o processo analítico.

De fato, a banalização da psicanálise *on-line*, ou seja, a aceitação de seu exercício sem considerar as condições que atravessam a efetividade de

seu funcionamento à revelia, merece nossa atenção. Todavia, no caso apresentado neste escrito, trata-se de um paciente que, em virtude dos entraves causados pela diferença significativa da língua e da cultura, se percebe impedido de recorrer, novamente, a um tratamento no país em que reside atualmente. Ainda assim, é válido destacar que, antes de fazer contato comigo, João buscou profissionais em sua cidade, como psiquiatras e terapeutas, enfrentando inúmeras dificuldades, de antemão, na comunicação, que acontecia por meio do *Google Tradutor*.

Retomando o relato, nas primeiras entrevistas, reiteradamente, João exclamava: “toda vez que eu chego aqui, eu não consigo falar”, o que vinha acompanhado de um imenso silêncio que parecia capturar a minha atenção, uma vez que se apresentava em conjunto com uma série de movimentos corporais desordenados, sem nenhuma expressão qualitativa: além de se mover na cadeira, enquanto permanecia de olhos fechados com as mãos no rosto, exibia alterações na respiração, oscilava entre diferentes expressões faciais e emitia ruídos sonoros. Seria uma tentativa de manter o meu olhar preso a ele diante de uma sequência de descarga sensorial e motora?

A minha intervenção nesses encontros iniciais foi convidá-lo a compartilhar comigo o que se passava em sua cabeça. Ele dizia: “não sei... é um bloqueio que eu não sei como caracterizar”, o que me fez pensar que João estava inundado de excitações que não haviam sido transformadas em palavras, manifestadas a nível do corpo, na motricidade, na sensibilidade e na sensorialidade. A minha percepção decorria da constatação de que, nos momentos em que João não conseguia falar sobre o que se passava dentro de si mesmo, aparentemente acometido pela sensação de “cabeça vazia” (expressão utilizada por Dejours), além de, em alguns momentos, permanecer em silêncio, num tom entre apatia e depressão, uma multiplicidade de movimentos corporais sem ritmo

e de forma hiperativa tomavam conta da sessão: ele levantava os braços, se mexia na cadeira, fechava os olhos ou coçava o cabelo.

Em outras situações, seu modo de falar se assemelhava a uma evacuação a nível verbal, com alternâncias no tom, no ritmo da voz e nas expressões faciais, discorrendo sobre uma gama de assuntos que não exibiam qualquer associação entre si. Sem a contenção a nível psíquico, as sensações do corpo tomam a via da descarga motora, uma vez que ultrapassam as condições de ligação, tradução e pensamento pelo eu do sujeito (DEJOURS, 1989/1991). A impossibilidade de experienciar os afetos que provém do próprio corpo, no caso de João, remete aos obstáculos encontrados na formação do corpo erótico, onde os agires expressivos, termo desenvolvido por Dejours, ficaram impedidos.

Os agires expressivos, para Dejours (2019), implicam na mobilização do corpo erótico, naquilo que da mímica, da motricidade, da respiração e da gesticulação, surge em harmonização com a fala para conferir um sentido ao que as palavras não são capazes de alcançar por si só. O autor ainda refere que o corpo está diretamente envolvido na possibilidade de experimentar a vida, em especial nos registros do agir expressivo e do afeto.

Como exposto anteriormente, a psicanálise *on-line* esbarra em dificuldades nas expressões de sentimentos, afetos e silêncios através corpo, de modo que parece exigir ainda mais sensibilidade, especialmente por parte do analista, ao que perpassa à sessão. Longe de qualquer generalização e à consideração de que a presença dos corpos enriquece a relação transferencial, embora o caso apresentado pudesse ser mais explorado com a interação física, o agir expressivo não escapava das sessões e, no formato de videochamada, demonstrava encontrar registro através da tosse, dos gestos na cadeira e até mesmo das manifestações faciais, a título de exemplo.

Por sua vez, as adversidades encontradas na forma como o sujeito habita o próprio corpo conduz à sua gênese, o que, no plano metapsicológico, parte da noção de subversão libidinal da ordem biológica em benefício da ordem erótica. A subversão libidinal, de acordo com Dejours (2019), acontece quando, de função em função, de apoio em apoio, todo o corpo é convocado para subverter o fisiológico em favor da formação do corpo erótico: um processo que parece ter sofrido graves paralisações, no caso de João, quando o seu eu ainda estava em formação, uma vez que diversas situações de violência física foram experienciadas em seu corpo quando ele era criança.

Com diversas dificuldades para concluir a tese de doutorado e sem avançar no projeto de pós-doutorado, João se descreve com a “síndrome do impostor”, já que supõe ser reconhecido por algo que não é: “tem o que as pessoas esperavam e esperam de mim... com base em promessas do que parecia ser”, abordando, em paralelo, minuciosas explicações concretas sobre seu campo de estudo – por exemplo, detendo-se na teoria dos exemplares ou sobre a gramática categorial.

Nesse sentido, as formulações de Dejours (1989/1991) apontam que, com intuito de neutralizar a analista, o paciente faz uso da palavra dentro de um registro racional ou operacional abstrato. Logo, sem qualquer possibilidade de derivação pela via associativa e afastado do campo pré-consciente por não estar atravessado pelos retornos do recalcado, o discurso do paciente, em oposição ao processo secundário, se assemelha a uma demonstração lógica.

No entanto, é a partir do contexto acadêmico que, pela primeira vez, João faz alusão à sua mãe como alguém que gostava de exibi-lo para as outras pessoas, fossem familiares ou vizinhos, por demonstrar uma grande inteligência desde pequeno. “Havia muita atenção no que eu

fazia... ela chamava a vizinhança para me ver fazendo cálculos”, ele conta. Diante disso, João declara que buscava ler e saber sobre tudo, lembrando que pulava partes de um livro para dar a impressão de que havia lido mais rápido do que realmente acontecera, de forma que “fui criando toda uma mentira... é cansativo pensar nisso”, culminando em um “esforço” da mãe para que ele pulasse de séries na escola, “de uma forma quase carinhosa”, ele refere. Ainda é importante citar acerca disso que João não lembra o número de escolas que frequentou, permanecendo menos de uma semana em algumas, em virtude de uma suposta preocupação da mãe para que ele estudasse em uma boa escola, o que não acontecia com os irmãos.

Prisioneiro da invenção materna, parecia não haver espaços no discurso da mãe para que João pudesse se pensar, pensar as experiências a partir do próprio corpo e, sobretudo, pensar acerca das relações familiares. Embora sua mãe não fosse violenta, ele conta: “[...] eu sentia raiva e não podia expressar... eu tenho uma memória vaga de tentar expressar e sentir... se isso acontecesse, eu não sei quais consequências haveriam...”, o que corrobora com a impressão de inexistência, no ambiente familiar, de condições para traduzir a violência exercida pelo pai, de forma que, com seu silêncio, ela se tornava cúmplice da agressividade exercida por ele sobre o filho. Diante disso, João se mantinha agarrado às percepções protetoras impostas pela mãe, de maneira que se estima um “diálogo perceptivo entre mãe e filho, onde a criança, para evitar a perturbação, a impaciência e a cólera da mãe, superinveste as percepções tranquilizadoras que ela lhe oferece” (*ibid.*, p. 80).

No que se refere aos relacionamentos afetivos, em tom de impaciência, descreve que as relações com mulheres são “arrastadas”, exprimindo vontade de sumir e de morrer em cada situação que se sente rejeitado, de tal maneira que, regularmente, me dizia: “ela também me rejeitou...

em todos os lugares, o que encontro é rejeição. Tem algo errado comigo”. Quando questionado sobre o que poderia haver de errado com ele, João novamente parecia mergulhar em um silêncio atacante, impossibilitado de formular qualquer hipótese sobre o que acontecera: “[...] é um componente desconhecido... essa questão das rejeições parece ter uma falha minha que não está compreendida... porque existem algumas rejeições que eu não sei porque aconteceram... não consigo pensar”.

A falta de memorização e a dificuldade de capitalização das experiências vividas é, em conformidade com Dejours (*ibid.*), resultado da economia de percepção que opera nesses pacientes. Isto é, além de procurar percepções mais tranquilizadoras no exterior diante do que possa estar atravessado por um caráter traumático, há a primazia do atual que impõe a necessidade de repetir as experiências tão logo sejam terminadas, o que impede o resgate do que foi vivido por ele.

Tendo em conta as repetidas rejeições nos últimos meses e a impossibilidade de entrar em contato com o que poderia fazê-lo pensar a respeito do assunto, uma das primeiras referências a situações de seu corpo surge no tratamento. Como se nada fosse, João explica: “[...] existe até uma questão física nesses encontros... porque eu tenho psoríase e, então, pequenos flocos caem do meu cabelo e tal... acontece quando estou muito ansioso”.

Dada a predominância da realidade concreta do mundo em detrimento do sistema pré-consciente e de suas interligações com o inconsciente, uma das modalidades em que ocorre luta contra a percepção é por intermédio do repúdio da própria percepção, de forma que o desequilíbrio tópico e econômico do aparelho psíquico incrementa o aparecimento de somatizações no corpo. Consoante a Dejours (*ibid.*), sem poder contar com os mecanismos do recalçamento nas articulações internas, a renegação dos elementos que

fazem o paciente correr o risco de pensar em sua história demonstram a imensa fragilidade psíquica que compõe o funcionamento do sujeito.

Nesse sentido, a vontade de sumir e de morrer era uma queixa constante ao decorrer das semanas, o que surgia em paralelo com a impressão de que “tudo está errado”, conforme João referia. Por consequência, quando buscávamos entender mais acerca do que se passava com ele, uma confusão mental tomava o espaço das sessões, de modo que inclusive a fala sofria desorganizações, já que balbuciava na tentativa de falar sobre os seus pensamentos. “Isso que acontece é algo incompreensível...”, ele exclama. Como era esperado, essa confusão se estendia a outros momentos, quando acontecia de ler errado ou até mesmo de não conseguir efetivar a leitura de um texto porque, conforme João, as letras pareciam se embaralhar.

A inibição de todo o funcionamento mental, com objetivo de lutar contra a irrupção da violência, permite explicar o surgimento de somatizações, o que parece decorrer, também, do vazio de simbolizações e representações no interior do eu do sujeito, onde nenhum conflito psíquico é trazido à luz. Dejours (*ibid.*) ainda pontua que há uma distinção entre os desempenhos intelectuais e cognitivos, de um lado, e o pensamento (descrito em psicanálise), de outro, uma vez que, nesses pacientes, a descompensação somática também inclui os distúrbios no registro de organização das palavras em uma frase, por exemplo.

Quando retoma a palavra, em outros momentos, recorre a uma formulação constituída de maneira impessoal e racional para explicar o que ocorria com os seus pensamentos, sob a primazia do fisiológico: “[...] fiquei bem incomodado lembrando que em outro momento ouvi alguém falar que uma conexão neuronal que foi feita pode ser engatilhada muito tempo depois por razões um pouco diferentes... e me pego pensando

como algumas coisas podem ter sido estabelecidas num nível neurológico em algum momento da vida e eu não tenho controle sobre isso. E, ainda, tenho pouquíssima capacidade de introspecção neuronal”.

A introspecção neuronal que João mencionava era entendida por mim como a dificuldade na capacidade de pensar sobre si e sobre a sua vida. Ainda mais que, com frequência, em diversas sessões, quando eu o convidava para falar sobre o que sentia, ele se queixava: “meio triste”, “meio mal”, “meio bobo”, “um pouco estressado”, “quase irritado”, “eu não sei avaliar como estou”. Poderíamos pensar que o “meio”, “um pouco” e “quase” correspondem a um impedimento de saber de si, por se tratar de um eu que nunca foi e ainda não é propriedade de João?

Ao assumir que “no caso de uma necessidade de repressão considerável dos afetos, podemos assistir a uma inibição global do eu, por empobrecimento de energia” (*ibid.*, p. 85), esquematicamente, atesta-se que a inibição do pensamento possui correlação com o fracasso das possibilidades simbólicas e representativas. No caso de João, a extinção do pensamento, além de gerar confusão mental em diferentes situações, poderia encenar o seu empenho no combate à passagem ao ato, isto é, como meio de repúdio à descarga de sua violência. A passagem ao ato ou a irrupção da violência, incrementada pelo empobrecimento na capacidade de ligar o pulsional que surge desligado, já foi narrada por João, como quando conta que “foram surgindo pensamentos intrusivos... porque hoje quando eu estava voltando de bicicleta, me veio um pensamento: ‘é se eu virar aqui?’, e era em um canteiro que não dá para virar... mas eu comecei a virar, até que puxei novamente para o caminho”.

No decorrer das sessões, lembra que, em sua infância e adolescência, não tinha amigos porque não permitia que nenhum colega ou vizinho frequentasse a sua casa. “Eu tinha vergonha... como se a casa e a família

fossem estranhas...” “Estranhas como?”, eu questiono. “Como se fossem diferentes das outras famílias que eu via... era sem carinho, sem proximidade, sem atenção. Nas férias, quando eu podia, passava meses na casa de alguma tia, sem fazer nenhum contato com os meus pais”. Antes que eu pudesse realizar qualquer intervenção, ele ri e diz: “a tua cara é como se fosse algo estranho mesmo”, reproduzindo a expressão facial de estranheza que diz ter percebido em mim enquanto ele falava. Em seguida, João reclama: “é a primeira vez que eu penso que o meu pai não foi muito presente... sempre foi uma relação muito distante”.

No que se refere à sua família, João é o filho mais velho de três irmãos, contando que a mãe é uma mulher negra, com quem compartilha semelhanças físicas, sendo o pai um homem de origem alemã. Com isso, João menciona que a mãe veio de uma família sem carinho, onde eram práticos e objetivos. Quanto ao pai, João refere que não gostava muito dele, por ser um homem bastante intransigente, agressivo, violento e que não tratava bem a mãe.

Além disso, descreve uma família com poucos recursos financeiros e que passou a ter mais condições quando o pai, deficiente físico e natural da cidade de Não-me-toque, passou em um concurso público em outra cidade. Com extrema prudência, proponho para ele: “parece que havia uma deficiência afetiva também, uma relação de não-me-toque entre vocês”, o que pareceu ecoar em João.

Poucas sessões depois, ele conta sobre um sonho “vago” que havia tido na noite anterior, onde se via pequeno, com o pai gritando com ele “tu faz tudo errado”, na presença da mãe, que não reagia. O sonho surgiu em uma sessão em que João permaneceu por mais de 30 minutos em silêncio e antes de contá-lo, ele discorreu acerca dos enquadramentos da análise de um discurso, de maneira que eu pressupus, através de sua

exposição, que eu devia renunciar a qualquer análise ou interpretação, de modo a não restar tempo hábil na sessão para nenhuma construção a respeito do sonho.

A partir deste sonho, mas sem referir qualquer relação direta com ele, nas sessões subsequentes, João, tomado de raiva e sem falar na mesma, retoma os sentimentos de abandono e de rejeição em relação às mulheres, incluindo a mãe e, introduzindo o pai, supondo que “[...] é como se eu soubesse que vão me abandonar e que eu nunca vou ser amado como eu gostaria... há algo de errado comigo que eu fico sem entender”. O não entender seria uma tentativa de afastar tudo aquilo que trouxesse o risco de fazê-lo cogitar na desumana rejeição e abandono do pai para com ele?

O sonho, em conformidade com a tese elaborada por Dejours (2019) é uma via que possibilita o acesso aos jogos do corpo que, até então, estavam proscritos do psiquismo em virtude dos acidentes de sedução. Assim, sob efeito da transferência, uma aproximação com os jogos do corpo que foram paralisados se torna possível. Embora haja o risco de uma descompensação somática no paciente diante do acercamento do que está no inconsciente amencial, a perlaboração pelo sonho é o caminho de acesso à subversão libidinal de zonas inabitadas no próprio corpo pelo sujeito, o que possibilita retomar o que ficou banido pelos acidentes de sedução.

Desse modo, na teoria de Dejours, os pensamentos latentes produzidos pela situação transferencial conduzem ao acesso de áreas do corpo que haviam sido proscritas em razão da violência do adulto. No caso de João, o sonho aparece como inventor de memórias, uma vez que viabilizou o alcance ao que estava repudiado, até mesmo de seu pensamento, dada a impossibilidade de qualquer elaboração diante dos ataques aniquiladores que advinham do pai.

Pouco tempo depois, um cenário carregado de brutal violência física é exposto por João, sem transparecer nenhuma emoção. O assunto é abordado em decorrência de um “ataque de spray de pimenta na região dos olhos”, como ele especifica, sofrido em outro país no final de 2022, “[...] eu não sei por que o ataque de spray de pimenta aconteceu... foi do nada. E parece que a cidade onde isso aconteceu também me rejeita... e eu fiquei sem entender outra vez e a questão de não entender algo abre espaço para qualquer coisa”, ele diz.

A violência do adulto ao impedir o pensamento da criança culmina, sobretudo, na impossibilidade tanto da tradução quanto do seu resíduo, sem qualquer processo de recalçamento. Contudo, um traço dessa experiência de excitação traumática é sedimentado no inconsciente do sujeito que, por não tramitar via pensamento, constitui o amencial. O inconsciente amencial, segundo Dejours (2019), caracteriza o banimento, a proscricção ou a relegação dessa experiência para fora do pensamento, na medida em que o fracasso da subversão libidinal propicia a origem de zonas do corpo excluídas da constituição do corpo erógeno.

A partir do relato dessa situação, João conta que “a casa estranha” que habitava com os pais na sua infância se configura como espaço de agressões físicas recorrentes e descontroladas: “[...] a violência dentro de casa sempre foi mais esperada... o que é estranho, porque a rua devia ser mais perigosa. Mas eu esperava que o meu pai pudesse me bater a qualquer momento”. Apesar de ter outros dois irmãos, João indica que era o único que sofria ataques de maneira desmedida. “Teve uma vez que eu e minha irmã estávamos brigando para saber quem iria jogar videogame primeiro. O meu pai viu e me bateu com uma canaleta de PVC que havia recém comprado. Foi uma explosão de raiva que ele teve... ele não se importou em estragar a canaleta”.

A violência física e psicológica que sofreu do pai e da mãe, respectivamente, mostra que João foi vítima de um funcionamento familiar com predominância de acidentes de sedução, que impediram o pensar e impossibilitaram qualquer agir expressivo. Portanto, a resposta diante do que ameaça tocar na zona traumática do paciente é, em vista disso, a somatização, entendida como um ataque à sua capacidade de olhar e de agir diante do que é experimentado em seu próprio corpo (DEJOURS, 1989/1991).

Dentre os diversos movimentos corporais que ocupavam a cena, aqueles que envolviam a região dos olhos prendiam a minha atenção. Até o presente momento, não houve sequer uma sessão onde o esfregar, o coçar, o pressionar, o espremer ou o fechamento dos olhos por longos períodos não se fizesse presente. Ao referir a ele os gestos que eu percebia nesta região, eu também questionei se havia alguma razão particular para isso. No entanto, revelando uma impossibilidade de pensar, João assegurou que se tratava de algo instintivo.

Neste instante, cabe sublinhar que a clivagem, do ponto de vista tópico, assegura que, mesmo na ausência de subversão libidinal ou intrincação pulsional, alguns pacientes possam conter a sua violência em uma parte do inconsciente que parece não participar da vida intersubjetiva. Dejours (*ibid.*) assinala que a clivagem atua ao lado do eu para preservar certa organização psíquica ao sujeito, de forma que a repressão da violência pelo paciente pode, igualmente, desencadear somatizações no próprio corpo.

Semanas depois, permanecendo um bom tempo em silêncio após o início da sessão, João coça demoradamente os olhos fechados e eu proponho: “enquanto te vejo coçando os olhos fechados, me lembrei do ataque de spray de pimenta que tu sofreste... é possível que tenha algo a ver?” “Não... não sei... acho que não”, ele responde. Ao sentir certa

abertura, eu insisti: “tu te lembras de algo mais que possa ter ocorrido na região dos olhos?” Após um largo silêncio, ele retoma a palavra: “eu lembro dos protestos que participei em 2014, onde muito gás lacrimogêneo foi disparado contra os participantes na região dos olhos... e tenho pterígio”, embora a colocação de João não tenha atribuído aparente valor ao assunto. A partir disso, surge uma explicação pormenorizada e de cunho científico sobre essa membrana que cresce demasiadamente na região dos olhos, causando inflamação, na medida em que interfere na visão. Entre as queixas, João menciona o lacrimejamento, a ardência e a vermelhidão nos olhos, em especial no esquerdo, aproximando-se da câmera para me mostrar: “Olha! Acho que assim tu consegues ver!” “E o que tu sabes sobre o surgimento do pterígio?”, eu indago, e ele conta: “eu consultei uma médica enquanto eu cursava o doutorado e ela me perguntou se eu morava em um país próximo ao Equador, porque o crescimento da membrana é estimulado pelos raios ultravioletas, que são mais presentes nessa região. E também tem o fator genético, porque a minha mãe também tem... ela, inclusive, fez uma cirurgia para remover, mas voltou a crescer”.

“Que semelhança curiosa com a tua mãe, né?”, eu comento, quando ele ri e diz: “eu ri porque eu lembrei que durante a minha infância, eu achava que o meu olho atraía coisas na rua, porque algo entrava, como uma sujeira, e eu tinha que ir no médico para retirar... isso acontecia bastante e era sempre no olho esquerdo”. Subitamente, um momento de silêncio recobre a sessão e ele continua: “uma das coisas que eu pensei foi que há muito tempo, eu escrevi um poema sobre as duas semelhanças que eu tinha com a minha mãe e o pterígio era uma delas.” “Tu te lembras desse poema?”, eu pergunto. Apressadamente, ele afirma que não e nega recordar qual era a outra semelhança, encerrando a fala com um poema de Machado de Assis, que trata sobre uma personagem mulher que também possui uma questão com os olhos, sem mais detalhes, João

se diz impedido de qualquer associação. Nada de especial me ocorreu naquele momento, mas foi depois de encerrar a sessão que imaginei, de maneira repentina, que a personagem retratada podia ser Capitu, apresentada no capítulo “olhos de ressacada”, sendo conhecida pelos “olhos de cigana oblíqua e dissimulada”. Quais verdades os olhos de João e de sua mãe dissimulavam?

Conforme Dejours (*ibid.*), a violência exercida na realidade pelos pais não pretendia, necessariamente, a morte da criança, mas, ao menos, a destruição de uma parte dela. Nesse sentido, é possível conjecturar que os pacientes que foram vítimas da agressividade dos pais, perante os episódios de somatização, parecem seguir com a destruição de zonas de seus corpos e, por consequência, perfazem a brutal pretensão dos seus pais sobre si mesmos.

Mesmo sem referir a segunda semelhança entre ele e a mãe, João parecia denunciá-la. Conforme as minhas hipóteses, esta residia na incapacidade de olhar para a violência destrutiva exercida pelo pai, ao passo que a mãe, na impossibilidade de confrontar o marido, parecia impor uma realidade prática e objetiva que pudesse dissimular qualquer pensamento de João sobre a violência familiar, instaurando-se, nessas situações, uma somatização no corpo, como o pterígio. Perante as situações de somatização, João não formula qualquer hipótese para além das explicações de cunho biológico, respondendo com um silêncio arrogante quando o convido para falar ao que pertence ao campo dos afetos e dos sentimentos.

Assim, a super estimulação da mãe no campo racional, além da ausência de uma aproximação afetiva entre eles, criava enormes barreiras para que João exercesse a capacidade de pensar, mantendo-se agarrado ao discurso aprendido. Diante da violência exercida pelo pai, a mãe, ao não dizer ou fazer nada, mostrava consentir com os maus-tratos, e

através de atitudes concretas, buscava redirecionar o curso do pensamento de João para os livros ou para os cálculos, posto que “a perplexidade, a atividade fantasmática da criança, e sobretudo as posições de sofrimento, tão necessárias ao desenvolvimento psíquico, são entendidas pela mãe como uma acusação” (*ibid.*, p. 80), o que decorre, particularmente, do fato que as hipóteses maternas sobre o estado psíquico da criança desencadeia medo nela.

O medo de uma criança pensante é um dos elementos situados por Dejours (*ibid.*) para desenvolver a tese de que a supremacia da satisfação pela percepção, que almeja destruir qualquer atividade mental própria do filho, é uma manobra utilizada pelos pais daqueles que foram vítimas de maus-tratos. Ou seja, o estado psíquico da criança parece gerar uma ameaça aos pais que, por sua vez, empregam esforços dispendiosos para impedir o pensamento do filho, submetendo-o a uma trama perceptiva (supostamente) estabilizadora.

Nessa direção, o “não-me-toque”, um dos únicos elementos que João lembra sobre o pai, parecia expressar uma história da vida do mesmo que estava profundamente impressa na ausência de afetividade e, ao mesmo tempo, na presença de hostilidade na relação entre ele e João. Se, por um lado, não havia um toque amoroso, não existem dúvidas que o corpo de João estava invadido pelo toque violento do pai. E cabe, neste instante, transcrever um pequeno trecho de uma sessão: “Eu não sei... de alguma forma, parece que eu rejeito o afeto, a proximidade, o carinho nas relações”, João expõe. Eu pergunto: “E tu tens hipóteses sobre os motivos que te levam a rejeitar o afeto, a proximidade, o carinho nas relações?” “Não sei”, diz ele, “tem uma questão que me deixa curioso... com a minha última namorada, que fui eu quem terminei o relacionamento, porque tinha algo até do encontro físico... como se a minha pele fosse sensível... e fosse rejeitar o toque, a proximidade... em algum momento,

eu até hipotetizei que fosse uma resposta ao que eu pressupunha que deviam ser situações de afeto e na verdade, foram situações de violência.” “O que tu foste interligando?”, eu pergunto. “Me lembro de uma situação de afeto, onde a minha mãe estava me dando um xarope, que eu não deveria tomar, mas pedia para ela me dar porque gostava do sabor e meu pai achou que eu estava incomodando e bateu em mim... ele jogou o xarope na parede... parece que as relações onde eu esperava o afeto, o toque, o que vinha era a violência. Não existia amor na minha família”.

A violência parental, para Dejours (*ibid.*), gera, na criança, pequenas zonas não colonizadas pela sexualidade psíquica, de modo que o sistema percepção-consciência adquire primazia, o que impossibilita a memorização afetiva da vivência experimentada no próprio corpo. Nesse sentido, o autor sustenta que a dificuldade do filho em pensar as suas origens parentais reside, sobretudo, na incapacidade de ter sido objeto de desejo e de amor dos pais e por, além disso, ter experienciado o ódio e a rejeição de si em seu corpo.

Com isso, a recusa de percepções intoleráveis, como a rejeição paterna e a renegação materna, é, no caso de João, o que faz prevalecer o uso do sistema percepção-consciência para que, a partir da realidade vivida, o paciente direcione o seu olhar para situações, imagens e sensações que sejam capazes de fornecer uma percepção que outorgue tranquilidade para o seu estado corporal. Isto é, pelo temor de descontrole, o paciente busca no externo acontecimentos de caráter apaziguador, como uma tentativa de fazer o real colaborar com o imaginário, prescindindo do simbólico (*ibid.*).

Em certa medida, ainda que João traga fragmentos vivenciais importantes de sua história, isso aparece acompanhado de uma enxurrada de detalhes objetivos que, por vezes, torna difícil prestar atenção, o que parece agir

de modo a paralisar a atividade mental da analista, uma vez que impede o estabelecimento da atenção uniformemente flutuante por não se tratar de um discurso pré-consciente, extinguindo qualquer possibilidade de intervenção analítica. Para Dejours (*ibid.*), em busca de dominar o pensamento pré-consciente do analista, o paciente não concede meios para que possamos ir de encontro com o conteúdo inconsciente. Na situação do “xarope”, por exemplo, João se lembra do cômodo da casa, da cor da parede, do formato do sofá, do gosto do xarope, das roupas que usavam, mas não cede à deriva associativa, como se houvesse um vazio na memória. Assim sendo, a percepção registrada se mostrava limitada aos aspectos físicos do local, ao passo que, quando questionado acerca do que sentia, respondia “não sei”, com nítida irritação.

A modalidade de pensamento desses pacientes, descrita como operacional por Dejours (*ibid.*), atua na proteção contra a prova da realidade, de modo a impedir a ameaça do surgimento de afetos que o paciente não é capaz de experimentar ou sequer sentir no outro. A impossibilidade de pensar remete ao embate a nível interno contra a emergência da violência que constitui uma ameaça para a clivagem, sobretudo “pelo medo de ter a experiência de despedaçamento do eu” (*ibid.*, p. 51).

Embora não saiba em qual momento as agressões físicas por parte do pai cessaram, com objetivo de manter a estabilização na barra da clivagem diante da vulnerabilidade de seu aparelho psíquico, para que não experimentasse um desmantelamento do eu frente ao que poderia desencadear uma reação hostil, a partir de sua adolescência, instalou-se uma retaliação. João infringiu uma sentença de silêncio ao pai, e o contato entre eles foi reduzido ao extremo: apenas “oi” e “tchau” caracterizavam a relação de indiferença, conforme ele pontua, entre os dois.

Há cerca de quatro anos, enquanto João cursava o doutorado fora do

país, o pai descobriu um câncer no pâncreas em estágio avançado e a família recorreu a ele. Com isso, ao sentir-se convocado para uma função de cuidado para com o pai, ele conta: “[...] eu passei noites lendo tudo o que havia na internet sobre câncer no pâncreas... todos os trabalhos científicos que existiam... fui pesquisar as taxas de sucesso de cada cirurgia... eu ligava para os consultórios e fazia muitas perguntas... eu aprendi um monte sobre o câncer de pâncreas... eu estava em outro país e era eu quem ligava para os médicos, era eu quem me informava sobre tudo... eu, inclusive, vinha para o Brasil para ficar com ele no hospital”. João acredita que, em razão de seus esforços dispendiosos, o pai realizou um procedimento cirúrgico de remoção do câncer que o fez viver por mais três anos, falecendo há pouco mais de um ano. De forma inédita, João se emociona na sessão quando questiono como ele se sentia em relação à morte do pai: “[...] é chorar a morte de uma pessoa que tu odeia... e com o peso que foi recaindo sobre mim... de cuidado... eu nunca tinha colocado isso em palavras... tem uma estranheza enquanto eu falo sobre isso, porque, durante muito tempo, eu quis que ele morresse”.

É ainda tomado por esse contexto de “luto” que, há cerca de dez meses, João optou por ir morar em uma cidade alemã para cursar o pós-doutorado. Em território alemão, as rejeições das mulheres vão surgindo de forma consecutiva, na medida em que ele declara, com grande indignação, mais uma vez, não ter a menor ideia do que ocorre. De fato, João se queixa de mulheres que o dispensam, sem qualquer razão aparente. Durante diversas semanas, este se tornou o tema mais recorrente nas sessões, o que vinha rodeado de imensa raiva, de maneira que, com cautela, convido-o a pensar: “Lembro que tu me contaste que teu pai tem uma remota origem alemã e que durante anos, vocês moraram em um local com colonização alemã que tu não gostavas nenhum pouco”, enquanto ele responde: “Nossa! É estranho pensar que os alemães estão presentes de forma negativa na minha vida... há sempre rejeição”.

Por fim, é interessante mencionar que, apesar de permanecer com os olhos fechados inúmeras vezes, a percepção de qualquer mínimo movimento que eu faça parece despertá-lo, de maneira que ele abre os olhos para “espiar” o que se passa. É possível pensar que eu devia me manter totalmente imóvel nas sessões, submetida a um estado de mineralização que não oferecesse um risco à clivagem de João? A hipótese leva em conta o que Dejours (*ibid.*) denomina como “economia da percepção” (destaque do autor), ao considerar que a satisfação pela percepção é uma ferramenta empregada pelo paciente para controlar certas zonas traumáticas, visto que “a transferência desencadeia nele uma vontade de petrificar o analista” (*ibid.*, p. 72). Em contrapartida, meses depois, em um desses momentos de silêncio angustiado, poucos minutos depois de iniciar a sessão, tive uma crise de tosse, onde ele ri e verbaliza: “Eu gostei da tua tosse, me fez lembrar que há uma outra pessoa aqui”.

A transferência en-cena

O “não-me-toque”, traço particular da história de João, também parecia reverberar na situação transferencial. Quando os conteúdos trabalhados em sessão ameaçavam gerar uma aproximação do que estava clivado no inconsciente amencial e que, simultaneamente, seria capaz de gerar uma desestabilização no eu, o “não-me-toque” ganhava corpo, a partir do pensamento operatório, do silêncio prolongado ou da tentativa de mineralização da analista.

Diante disso, o domínio do pensamento e o domínio sobre as percepções que circulam no *setting*, onde o paciente tende a passar de uma percepção à outra, sem derivação pré-consciente, conforme Dejours (*ibid.*), almejam a paralisação mental da analista, de modo que o enquadre permaneça imóvel. Logo, se algo da zona traumática está prestes a ser tocado, em

contrapartida, o domínio se vê ameaçado e o paciente busca imobilizar o pensamento da analista, de modo que a carência de deriva associativa pelo paciente gera efeitos na atividade de pensar do analista, impedindo até mesmo a atenção flutuante da analista.

Ou seja, a reação hostil do paciente, mediante o estabelecimento da transferência, ambiciona, sobretudo, a morte psíquica da analista que, por sua vez, parte da violência infanticida desvelada pelos pais (*ibid.*). A morte psíquica da analista, expressa pela imobilidade da atividade de pensar do analista, é compreendida, neste caso, em momentos em que o discurso do paciente se reduz a um comentário lógico das situações experienciadas em seu próprio corpo, o que não demonstrava estar atravessado pelo processo secundário. Assim, não restam dúvidas que o acesso à zona proscrita pode causar a desordem do eu corporal se solicitada na relação intersubjetiva, na medida em que provoca, a título de exemplo, o exercício sensório-motor excessivo e desenfreado, de ordem defensiva, como no caso de João.

De fato, na obra de Dejours, o envolvimento do corpo é alicerce da prática analítica, o que implica na presença física do analista e do analisando no *setting*, opondo-se, nessa perspectiva, ao enquadre psicanalítico na modalidade *on-line*. Considerar, por sua vez, a adoção do atendimento remoto sem qualquer discernimento, além de bastante arriscado, não parece ir ao encontro com a ética implícita no ofício do analista. Entretanto, defende-se a tese que as manifestações dos inconscientes e a transferência não escapam de emergir no ambiente virtual.

É inquestionável que as interações entre duas pessoas, ao considerar a presença dos seus corpos, não encontram substituições possíveis ou alcances da mesma ordem no universo virtual. Porém, não se pode negar que, devido à modalidade *on-line*, uma multiplicidade de pacientes

que outrora ficavam desassistidos em seus sofrimentos ou sem jamais ingressar em um tratamento psicanalítico pela impossibilidade local encontram um espaço de escuta, dentro de suas limitações, capaz de produzir efeitos psíquicos consideráveis.

Embora coexistam variações relativas à técnica psicanalítica, como no que se refere ao *setting*, acredita-se que, até mesmo diante de ferramentas virtuais, o trabalho de pensamento proposto pela analista, por intermédio do registro expressivo incitado na relação transferencial, pode propor-se à integração da zona não subvertida no corpo erótico. Desse modo, baseado em um novo engajamento do corpo, onde cada movimento corporal diante da câmera também indica conter uma história, como na questão que envolve os olhos de João, vislumbra-se que o agir expressivo favoreça a figuração do que, em seguida, poderá ser representado, elaborado e simbolizado no sistema pré-consciente (DEJOURS, 2019).

Nessa direção, na concepção de Dejours (*ibid.*), é apenas através do trabalho do sonho que o inconsciente amencial e o inconsciente recalcado podem sofrer alguma espécie de aproximação dentro da tópica, uma vez que a atividade onírica permite o engajamento do corpo e concomitantemente, amplia os registros expressivos. Dejours (1989/1991) ainda pontua que os jogos corporais banidos do corpo erótico podem ser reintegrados e reapropriados devido à perlaboração pelo sonho que, por sua vez, busca repatriar pelo inconsciente sexual recalcado o que está proscrito no inconsciente amencial. É possível reiterar que, no caso de João, o trabalho analítico viabilizou a rememoração de experiências anteriores e, com isso, pensamentos referentes à violência, à ausência do toque afetivo e à rejeição parental puderam ser colocados em latência para, mais adiante, retornarem sob efeito do trabalho do sonho.

Por fim, no caso de João, o processo de tradução e metabolização dos conteúdos que se encontram ocultos no inconsciente amencial não passa pela interpretação, seja do sonho ou da fala, mas a partir do trabalho psíquico de apropriação realizado pelo próprio paciente via perlaboração pelo sonho, incitado pela relação transferencial. O sonho exposto neste material não foi o único relatado por João ao longo das sessões, mas parece esboçar a potência da situação transferencial como precursor daquilo que vai abrir caminho para a mensagem do sonho se mover do pensamento pela imagem ao pensamento pelas palavras, inaugurando, conforme Dejours (2023), a sua inscrição em trilhas associativas que levam à repatriação da experiência pelo inconsciente sexual recalcado.

Considerações finais

A impossibilidade de capitalização e de não memorização da experiência sentida em seu próprio corpo, além de favorecer o primado da percepção-consciência, no caso de João, parecia buscar a sua proteção contra a irrupção da violência e da angústia aniquiladora ao eu. O medo de despedaçamento do eu, por sua vez, estava atrelado ao temor do descontrole diante de pensamentos, ideias ou sensações que poderiam o reconduzir à zona traumática.

Nessa direção, a ausência de simbolizações ou de representações que lhe permitissem compreender o que se passava dentro de si era atestada no *setting* analítico por intermédio da ocorrência do pensamento operatório, do silêncio prolongado ou da tentativa de petrificação da analista. De fato, o ataque parental sentido em seu próprio corpo, sem qualquer possibilidade de tradução ou metabolização pelo caráter excessivo, agiu na destruição da capacidade de pensar, de forma que a realidade concreta

adquiriria prevalência no comportamento e no discurso de João.

A dificuldade de pensar e de tocar a própria história, por consequência, abria caminho para as somatizações no corpo. Assim, com profusas fragilidades em sua existência psíquica, a dinâmica familiar de João expressava as falhas no reconhecimento de um sujeito passível de exercer uma singularidade, o que empreendia as nuances de um corpo por vezes inabitado e impedido de construir fantasias, associações e hipóteses acerca das excitações que adivinham do seu interior.

Diante de um corpo que encena em seu padecimento as violências exercidas pelos pais, a transferência pode incitar novos pensamentos e representações que sejam capazes de oferecer contenção ao extravaso do conteúdo amencial. Logo, a perlaboração pelo sonho, estimulada pela situação transferencial, consiste na reintegração e na reapropriação, via engajamento do corpo, do que foi proscrito da subversão libidinal e do corpo erótico, para repatriação no inconsciente sexual recalçado.

Portanto, em conformidade com a tese de Dejours, as somatizações podem ter um sentido potencialmente simbolizador, o que demanda um trabalho na situação transferencial bastante cauteloso, ao mesmo tempo, ante o risco de desencadear uma descompensação somática. Em último, a possibilidade de estabelecer uma relação intersubjetiva atravessada pelo toque afetivo é uma via para inaugurar, sobretudo no caso de João, novos modos de habitar o próprio corpo e narrar a sua história de vida, ampliando os seus registros expressivos.

Referências

DEJOURS, C. (1989) *Repressão e Subversão em psicossomática: pesquisas psicanalíticas sobre o corpo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 1991.

_____. *Psicossomática e teoria do corpo*. São Paulo: Blücher, 2019.

_____. O enigma psicossomático. *Constructo - Revista de Psicanálise*. Porto Alegre, v. 8, n. 1, mar. de 2023.

FREUD, S. (1893-1899) “Estudos sobre a histeria”, in *Edição Standart Brasileira das Obras Completas Psicológicas Completas de Sigmund Freud, vol. 2*. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. (1893) “Algumas considerações para um estudo comparativo das paralisias motoras orgânicas e histéricas”, in *Edição Standart Brasileira das Obras Completas Psicológicas Completas de Sigmund Freud, vol. 2*. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. (1923-1925) “O ego e o id”, in *Edição Standart Brasileira das Obras Completas Psicológicas Completas de Sigmund Freud, vol. 19*. Rio de Janeiro: Imago, 1996.